



O AMOR CHEGOU

O amor entrou pela porta, e, quando chegou, eu estava lendo um livro de Jane Austen, assim me apaixonando por um personagem literário ao invés de me apaixonar por alguém de verdade.

Se apaixonar tem se tornado excruciante, principalmente quando sabemos que estamos nos apaixonando por pessoas que dizem palavras bonitas, mas tão vazias quanto o ar.

Quando o amor chegou, eu percebi logo de cara que não seria como nos amores que eu lia, aquele amor que fora constantemente idealizado nos livros de poesia, nos filmes e nos cenários de uma peça de teatro.

O amor chegou e quebrou toda a idealização que eu havia montado.

Ele veio sorrateiramente em minha direção. Não fez nenhuma poesia sobre meus olhos nem escreveu sobre a maneira como eu tremi quando ele se aproximou. Mas ele me fez dar risada quando eu tinha certeza de que não poderia achar nada engraçado.

O amor chegou e não me deu um beijo chocante como acontece nos cinemas. O amor chegou e viu que, perto do mundo, eu parecia pequena. Ele sabia que eu não estava machucada; ele sabia dos pés que já me pisotearam.

O amor chegou e me deu um beijo na bochecha para mostrar que não era precipitado. Ele chegou calmo, não me pediu pressa, mesmo sabendo que todos estavam correndo exaustos e amontoados.

O amor falta nas pessoas que ainda morrem por ele; que, em uma desilusão amorosa, fantasiavam jogar-se da janela, não fisicamente, mas intimamente. Sentindo que de nós existe um prédio de doze andares, pulam dele, bregas e exageradas. Ainda vivos, contam detalhadamente como morreram, antes de ontem, por causa dele, dos suicidas românticos, do amor...

Maria Eduarda Torquato

8º ano / São Vicente

2024